

As origens atlantes da poderosa Ilha de Avalon

MARION
ZIMMER
BRADLEY
e DIANA L. PAXSON



Planeta minotauro

ANCESTRAIS DE AVALON

O QUINTO LIVRO DO CICLO DE AVALON



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

MARION ZIMMER BRADLEY
e DIANA L. PAXSON

ANCESTRAIS DE
AVALON
 Planeta minotauro

Tradução
Marina Della Valle

Copyright © The Marion Zimmer Bradley Literary Trust Works e Diana L. Paxson, 2004

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023

Copyright da tradução © Marina Della Valle, 2023

Todos os direitos reservados.

Título original: *Ancestors of Avalon*

Preparação: Laura Folgueira

Revisão: Ligia Alves e Renato Ritto

Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos

Capa: Fabio Oliveira

Imagem de capa: Amanda Brotto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bradley, Marion Zimmer

Ancestrais de Avalon / Marion Zimmer Bradley, Diana L. Paxson; tradução de Marina Della Valle. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

336 p.

ISBN 978-85-422-2463-4

Título original: *Ancestors of Avalon*

1. Ficção norte-americana 2. Atlântida (lugar lendário) – Ficção I.

Título II. Paxson, Diana L. III. Valle, Marina Della

23-5827

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

PLANO ANCIPIADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

TIRIKI ACORDOU COM UM ARQUEJO ENQUANTO A CAMA BALANÇAVA. Estendeu a mão buscando Micail, piscando para afastar as imagens atormentadoras de fogo, sangue, muros caindo e uma figura sem rosto, ameaçadora, que se contorcia acorrentada. Mas estava deitada em segurança em sua própria cama, com o marido ao lado.

— Graças aos deuses — ela sussurrou. — Foi só um sonho!

— Não totalmente; olhe aqui. — Levantando-se sobre um cotovelo, Micail apontou a lamparina que balançava diante do santuário da Mãe no canto, projetando sombras que tremeluziam loucamente pelo quarto. — Mas sei o que sonhou. A visão veio para mim também.

No mesmo momento, a terra voltou a se mover. Micail a pegou nos braços e a rolou na direção da proteção da parede, enquanto gesso caía de cima. De algum lugar a distância, veio um estrondo longo de alvenaria caindo. Eles se apertaram, mal respirando, conforme a vibração chegou a um pico e desceu.

— A montanha está acordando — ele disse sombriamente quando tudo estava imóvel. — Este é o terceiro tremor em três dias.

Ele a soltou e saiu da cama.

— Estão ficando mais fortes — ela concordou.

O palácio era solidamente construído de pedra e aguentara muitos tremores ao longo dos anos, mas, mesmo na luz incerta, Tiriki via uma nova rachadura atravessando o teto do quarto.

— Preciso ir. Vão chegar relatórios. Você vai ficar bem aqui?

Michael calçou as sandálias e se embrulhou em um manto. Alto e forte, com a luz da lamparina ardendo em seu cabelo ruivo, ele parecia a coisa mais estável no quarto.

— É claro — ela respondeu, levantando-se e colocando um robe leve em torno do corpo esguio. — Você é um príncipe, além de sacerdote desta cidade. Virão até você em busca de ordens. Mas não se desgaste no trabalho que pode ser feito por outros homens. Precisamos estar prontos para o ritual desta tarde.

Ela tentou esconder seu tremor de medo ao pensar em ficar de frente para a Pedra Ônfalo, mas certamente um ritual para reforçar o equilíbrio no mundo jamais fora tão necessário como agora.

Ele assentiu, olhando para ela.

— Você parece tão frágil, mas às vezes acho que é a mais forte de todos nós...

— Sou forte porque estamos juntos — murmurou Tiriki, enquanto ele a deixava.

Além das cortinas que fechavam a sacada, uma luz vermelha brilhava. O dia marcava a metade da primavera, pensou ela, sombriamente, mas aquela luz não era do amanhecer. A cidade de Ahtarra estava em chamas.

Na cidade acima, homens lutavam para deslocar os escombros e apagar os últimos focos de incêndio. No santuário onde a Pedra Ônfalo ficava escondida, tudo estava parado. Tiriki ergueu a tocha mais alto enquanto entrava na câmara mais profunda atrás dos outros sacerdotes e sacerdotisas, sufocando um arrepio enquanto a chama quente se tornava sua própria sombra, a fumaça esverdeada rodopiando ao redor do tição encharcado de piche.

A Pedra Ônfalo brilhava como cristal ocluído no centro do cômodo. Era uma coisa em forma de ovo com a metade da altura de um homem que parecia pulsar ao absorver a luz. Figuras cobertas por mantos estavam de pé ao longo da parede curvada. As tochas que tinham colocado nos suportes tremeluziam corajosamente, mas o santuário parecia envolto em escuridão. Havia um frio ali, bem abaixo da superfície da ilha de Ahtarath, que nenhum fogo comum poderia atenuar. Até mesmo a fumaça do incenso que queimava no altar afundava no ar pesado.

Todas as outras luzes se apagavam diante da Pedra incandescente. Mesmo sem capuzes e véus, teria sido difícil ver o rosto dos sacerdotes e sacerdotisas, mas, enquanto tateava até seu lugar contra a parede, Tiriki não precisava de visão para identificar a figura encapuzada ao lado dela como Micaíl. Ela sorriu uma saudação silenciosa, sabendo que ele iria senti-la.

Mesmo se fôssemos espíritos desencarnados, ela pensou calorosamente, eu ainda o reconheceria... O medalhão sagrado sobre seu peito, uma roda de ouro com sete raios, brilhava fraco, lembrando Tiriki que aqui ele não era apenas seu marido, mas o Grão-Sacerdote Osinarmen, Filho do Sol; assim como ela não era apenas Tiriki, mas Eilantha, Guardiã da Luz.

Endireitando-se, Micaíl começou a cantar a Invocação para o Equinócio da Primavera, sua voz vibrando estranhamente.

— *Que o dia seja pela noite limitado...*

Outras vozes, mais suaves, juntaram-se ao canto.

*“Escuro, seja pela Luz equilibrado.
Terra e Céu e Sol e Mar, uma
Cruz em círculo sempre será.”*

Uma vida inteira de treinamento sacerdotal ensinara a Tiriki todas as maneiras de deixar de lado as exigências do corpo, mas era difícil ignorar o ar subterrâneo úmido e a sensação sinistra de pressão que lhe causava arrepios na pele. Somente com um esforço supremo, ela conseguiu se concentrar novamente na canção, que começava a agitar o silêncio em harmonia...

*“Que a tristeza dê lugar à alegria,
Que o luto ao júbilo se combine,
Passo a passo para trilhar nossa via,
Até que o Escuro se junte ao Dia...”*

Na luta desesperada que havia causado a destruição da Terra Antiga uma geração antes, a Pedra de Ônfalo se tornara, ainda que por pouco tempo, o brinquedo da feitiçaria maligna. Por um tempo, temeu-se que a corrupção fosse absoluta; e assim os sacerdotes haviam divulgado a história de que a Pedra havia sido perdida, com tantas outras coisas, sob o mar vingativo.

De certa forma, a mentira era verdade; mas o lugar profundo em que a Pedra se encontrava era aquela caverna sob os templos e a cidade de Ahtarra. Com a chegada da Pedra, essa ilha de tamanho médio dos Reinos do Mar de Atlântida havia se tornado o centro sagrado do mundo. Mas, embora longe de estar perdida, a Pedra estava escondida, como sempre estivera. Até mesmo os sacerdotes mais elevados raramente encontravam motivos para entrar naquele santuário. Os poucos que ousavam consultar o Ônfalo sabiam que suas ações poderiam perturbar o equilíbrio do mundo.

O andamento da música mudou, tornando-a mais urgente.

*“Cada estação é ligada à próxima,
Encontros, despedidas formam a roda,
Nossa moldura é o sagrado centro,
Onde tudo muda, tudo é o mesmo...”*

Tiriki estava novamente perdendo o foco. *Se tudo fosse o mesmo*, ela pensou em rebelião súbita, *não estaríamos aqui agora!*

Durante meses, notícias de terremotos e rumores de pior destruição por vir correram como fogo na floresta por todos os Reinos do Mar. Em Ahtarrath, tais terrores pareciam a princípio distantes, mas, nas últimas noites, tanto os habitantes do Templo como o povo da cidade tinham sido atormentados por tremores tênues na terra e sonhos persistentes e terríveis. E mesmo agora, enquanto a canção continuava, ela sentia o desconforto dos outros cantores.

Isso pode ser de verdade o Tempo do Fim profetizado?, perguntou-se Tiriki em silêncio. *Depois de tantos avisos?*

Resolutamente, ela voltou a unir a voz à arquitetura ascendente do som, cuja manipulação talvez fosse a ferramenta mais poderosa da magia atlante.

*“Movendo, ficamos mais parados,
Exaltados, somos presos pela vontade,
Girando em perpetuidade
Quando Tempo vira Eternidade.”*

As sombras engrossaram, contorcendo os redemoinhos de incenso que por fim espiralavam no ar frio.

A música parou.

Brotava luz da Pedra, enchendo o santuário tão completamente quanto a escuridão enchera antes. A luz estava por toda parte, tão radiante que Tiriki se surpreendeu ao descobrir que não trazia calor. Até mesmo as tochas brilhavam mais intensamente. Os cantores soltaram um suspiro coletivo. Agora podiam começar.

O primeiro a tirar o capuz e se dirigir à Pedra foi Reio-ta, governador do Templo. Ao seu lado, Mesira, líder dos curandeiros, levantou o véu. Tiriki e Micaíl se adiantaram para ficar de frente para eles do outro lado da Pedra. Nessa luz, os cabelos vermelhos de Micaíl brilhavam como chamas, enquanto as mechas que escapavam das tranças enroladas de Tiriki brilhavam em ouro e prata.

A voz rica de tenor de Reio-ta começou a invocação...

*“Neste lugar de Ni-Terat, Rainha Escura da Terra
Agora brilhante com o Espírito da Luz de Manóah,
Nós confirmamos o Centro sagrado,
O Ônfalo, umbigo do mundo.”*

A riqueza do contralto rouco desmentia a idade de Mesira.

— O centro não é um lugar, mas um estado de ser. O Ônfalo é de outro reino. Por muitas eras, a Pedra não foi perturbada nos santuários da Terra Antiga, mas o centro não estava lá nem está em Ahtarrath.

Micaíl expressou a resposta formal:

— Ciente de que todos aqui juraram que vale a pena preservar o que existe e, para isso, dobrar o poder e a vontade...

Ele sorriu para Tiriki e alcançou novamente a mão dela. Juntos, tomaram fôlego para as palavras finais.

— Chegamos para sempre ao Reino da Verdade, que nunca poderá ser destruído.

E o restante respondeu em coro:

— Enquanto mantivermos fé, a Luz vive em nós!

A iluminação sobrenatural pulsou quando Mesira voltou a falar.

— Assim invocamos o Equilíbrio da Pedra, para que o povo possa conhecer novamente a paz. Pois não podemos ignorar os maus presságios que vimos. Encontramo-nos em um lugar de sabedoria para buscar respostas. Vidente, eu a convoco a...

Mesira estendeu ambos os braços para a figura cinza que se adiantava agora.

— Chegou a hora. Sede vós nossos olhos e nossa voz diante do Eterno.

A vidente retirou seus véus. No brilho intenso da luz da Pedra não era difícil reconhecer Alyssa, os cabelos pretos caindo soltos ao redor dos ombros, os olhos já dilatados pelo transe. Com passos estranhos, meio abaixados, ela se moveu para o brilho do altar.

Os cantores observaram nervosos enquanto a vidente pousava as pontas dos dedos sobre a Pedra. Padrões translúcidos de poder empoçavam e rodopiavam por dentro. Alyssa enrijeceu, mas, em vez de recuar, aproximou-se ainda mais.

— É... é verdade — ela sussurrou. — Uma só com a pedra sou. O que ela sabe, vocês saberão. Que a canção sagrada nos leve às portas do Destino.

Enquanto ela falava, os cantores começaram a cantarolar suavemente. A voz de Micail elevou-se na cadência do Comando, chamando a vidente pelo nome dela no Templo.

— *Neniath, vidente, tu me conheces? Eu, Osinarmen, a ti me elevo. Separe-nos dos sonhos ao acordares, pela resposta que me darás.*

— Eu ouço.

A voz era aguda e ressoante, bem diferente da de Alyssa.

— Estou aqui. O que queres saber?

— Fale se for de teu agrado, e será feito.

Micail cantou a frase formal em uma exalação sustentada, mas Tiriki conseguia ouvir o esforço na voz dele.

— Viemos porque a Pedra nos chamou, sussurrando em segredo pela noite.

Um momento se passou.

— A resposta, tu a sabes já — murmurou a vidente. — A questão está diante da verdade. No entanto, a porta que foi aberta não será fechada. Pedra sobre pedra sobe mais alto, condenada a cair. As florestas se enchem de pavios. O poder que esperou no coração do mundo se desloca... e *está faminto*.

Tiriki sentiu um desequilíbrio momentâneo, mas não conseguia saber se vinha de debaixo das pedras do piso ou de seu próprio coração. Olhou para Micail, mas ele ficou congelado, o rosto uma máscara fazendo careta.

Reio-ta forçou as palavras.

— A escuridão já se soltou antes — disse, com concentração sombria — e sempre foi contida. O que devemos fazer desta vez para prendê-la?

— Podes fazer algo além de cantar quando o silêncio aumenta?

Alyssa estremeceu com um riso inesperado, amargo; desta vez a terra tremeu com ela.

Uma ondulação de susto abalou os cantores. Eles gritaram como um só:

— Somos servos da Luz Infalível! A Escuridão nunca poderá prevalecer!

Mas os tremores não cessaram. As tochas tremularam. Relâmpagos vermelhos disparavam da Pedra. Por um momento, Tiriki pensou que a caverna ao redor deles gemia, mas era da garganta de Alyssa que vinham aqueles sons horríveis.

A vidente falava, ou tentava falar, mas as palavras saíam truncadas e ininteligíveis. Lutando contra o pavor, os cantores se aproximaram de Alyssa, esforçando-se para ouvir; mas a vidente recuou deles, com os braços contra a Pedra.

— *Sobe!* — Os gritos dela ecoavam muito além da câmara circular. — *A flor imunda! Sangue e fogo! É TARDE DEMAIS!*

À medida que os ecos diminuía, a força se desvanecia do corpo retesado da vidente. Apenas um movimento rápido de Micaíl a impediu de cair.

— Leve-a. — Reio-ta arquejou. — Mêsira, vá com eles. Vamos t-terminar aqui...

Assentindo, Micaíl levou a vidente para fora da câmara.

O nicho junto à entrada do santuário para onde levaram a vidente parecia estranhamente tranquilo. Enquanto a terra abaixo deles finalmente se aquietava, o espírito de Tiriki ainda estava abalado. Quando ela entrou, sua acólita Damisa, que havia esperado ali com os outros acompanhantes durante a cerimônia, ergueu o rosto com olhos verdes ansiosos.

Micaíl passou por ela, tocando a mão de Tiriki com uma carícia rápida que era mais íntima do que um abraço. Os olhos se encontraram em uma segurança não dita — *estou aqui... estou aqui. Vamos sobreviver, embora os céus caiam.*

Da câmara adiante, veio um balbuciar de vozes.

— Como eles estão? — murmurou Micaíl, fazendo um gesto com a cabeça na direção do som.

Tiriki deu de ombros, mas segurou a mão dele.

— Metade deles assegura que não entendemos as palavras de Alyssa, e os outros estão convencidos de que Ahtarra está prestes a cair no mar.

Reio-ta vai lidar com eles. — Ela olhou para Alyssa, que se deitou sobre um banco com Mesira ao lado. — Como ela está?

O rosto da vidente estava pálido, e os longos cabelos, que naquela manhã tinham brilhado como a asa de um corvo, agora tinham listras acinzentadas.

— Ela dorme — disse Mesira simplesmente.

Na luz suave que entrava pela porta, o rosto da curandeira mostrava todos os seus anos.

— Quanto ao seu despertar... levará algum tempo, creio, antes de sabermos se o trabalho de hoje a prejudicou. É melhor você ir. Acho que já recebemos todas as respostas que vamos receber. Minha chela foi pegar uma liteira para que possamos levá-la de volta para o Salão dos Curandeiros. Se houver alguma mudança, mandarei notícias.

Micail já havia retirado as vestes e colocado o emblema de seu posto sob a gola da túnica sem mangas. Tiriki dobrou o véu e o manto exterior e os entregou a Damisa.

— Devemos chamar portadores também? — perguntou ela.

Micail balançou a cabeça.

— Gostaria de caminhar? Preciso sentir o toque de uma luz do dia honesta na pele.



O ar quente e brilhante do exterior era uma bênção, esquentando o frio das câmaras subterrâneas em seus ossos. Tiriki sentiu o aperto no pescoço e nos ombros aliviar e alongou os passos para acompanhar os do marido, mais longos. Através das colunas de pedra vermelha e branca do Templo, que marcavam a entrada do santuário subterrâneo, vislumbrou um cordão de telhados com telhas azuis. Mais abaixo na encosta, uma dispersão de cúpulas recém-construídas cor de creme e vermelhas havia sido colocada em meio aos jardins da cidade. Além delas, o mar cintilante se estendia até o infinito.

Ao saírem do pórtico, os sons e cheiros da cidade subiram ao redor deles – cães latindo e bebês chorando, comerciantes vendendo suas mercadorias, o cheiro picante do guisado de frutos do mar que era o favorito local e os odores menos salubres de um esgoto próximo. Os incêndios haviam começado com o terremoto da noite passada, e eles estavam lidando com os estragos. A destruição tinha sido menor do que temiam. Na verdade, o medo era agora o maior inimigo deles. Até mesmo os fedores eram uma afirmação da vida comum, reconfortantes depois do confronto com o poder assustador da Pedra.

Talvez Micail sentisse a mesma coisa. De qualquer forma, ele a conduzia pelo caminho longo, longe dos edifícios altos do complexo do Templo e descendo pelo mercado, em vez de seguir o Caminho Processional pavimentado de branco que levava ao palácio. Os flancos cintilantes das Três Torres se esconderam quando viraram uma rua lateral que levava ao porto, onde os lojistas regateavam com os clientes como fariam em qualquer dia normal. Eles atraíam alguns olhares de admiração, mas ninguém apontava nem olhava fixamente. Sem suas vestes rituais, ela e Micail pareciam qualquer casal comum fazendo tarefas no mercado, embora fossem mais altos e mais claros do que a maioria das pessoas da cidade. E, se alguém tivesse considerado incomodá-los, a decisão nos traços fortes de Micail e a energia em seus passos teriam sido suficientemente dissuasivas.

— Está com fome? — ela perguntou.

Tinham jejuado para o ritual, e agora era quase meio-dia.

— O que realmente quero é uma bebida — respondeu ele, com um sorriso. — Havia uma taverna perto do porto que servia um bom vinho; não nosso tinto grosseiro local, mas uma respeitável safra da terra dos helenos. Não se preocupe: a comida também não vai decepcioná-la.

A taverna tinha uma loggia aberta sombreada por videiras em latada. Ao redor das bordas, cresciam os lírios carmesim de Ahtarrath. A fragrância delicada deles perfumava o ar. Tiriki inclinou a cabeça para trás para permitir que a brisa do porto agitasse seus cabelos. Se ela se virasse, poderia ver as encostas da Montanha Estrela — o vulcão adormecido que era o núcleo da ilha — cintilando no calor. Na encosta, havia uma faixa de floresta e depois uma colcha de retalhos de campos e vinhedos. Com eles sentados ali, os acontecimentos da manhã não pareciam mais que sonhos sombrios. Os pais de Micail tinham governado o local por cem gerações. Que poder conseguiria dominar uma tradição de tanta sabedoria e glória?

Micail deu um longo gole em sua taça de argila e soltou um suspiro de apreciação. Tiriki ficou surpresa ao sentir gargalhadas surgindo por dentro. Ao ouvir o som, o marido levantou uma sobrancelha.

— Por um momento, você me lembrou Rajasta — explicou ela.

Micail sorriu.

— Nosso velho professor era um espírito nobre, mas apreciava um bom vinho! Ele também esteve em minha mente hoje, mas não por causa do vinho — acrescentou ele, ficando sério.

Ela acenou com a cabeça, concordando.

— Tenho tentado me lembrar de tudo o que ele nos disse sobre a desgraça que tomou a Terra Antiga. Quando a terra começou a afundar, houve aviso suficiente para enviar os pergaminhos sagrados para

cá, junto com os adeptos para lê-los. Mas se o desastre destruísse todos os Reinos do Mar... onde se encontraria um refúgio para a antiga sabedoria da Atlântida?

Micail fez um gesto com o cálice.

— Não foi com esse mesmo propósito que enviamos emissários para as terras orientais do Hellas e Khem, e para o norte até a Costa Âmbar e as Ilhas de Estanho?

E quanto à sabedoria que não pode ser preservada em pergaminhos e fichas?, ela pensou. O que dizer daquelas coisas que devem ser vistas e sentidas antes que se possa entender? E quanto aos poderes que só podem ser dados com segurança quando um mestre julga o estudante pronto para eles? E quanto à sabedoria que deve ser transmitida de alma a alma?

Micail franziu o sobrolho, pensativo, mas seu tom era relaxado.

— Nosso professor Rajasta dizia que, por maior que fosse o cataclismo, se somente a Casa dos Doze fosse preservada, não o sacerdócio, mas os seis casais, os jovens e as donzelas que são os acólitos escolhidos, eles poderiam, por si mesmos, recriar toda a grandeza de nossa terra. E então ele ria...

— Ele devia estar brincando — disse Tiriki, pensando em Damisa e Kalhan, Elis e Aldel, Kalaran e Selast, e Elara e Cleta, e o resto. Os acólitos tinham sido criados para o chamado, a progênie de acasalamentos ordenados pelas estrelas. Seu potencial era grande — mas todos eram tão terrivelmente *jovens*.

Tiriki balançou a cabeça.

— Sem dúvida, eles vão superar todos nós quando completarem seu treinamento, mas, sem supervisão, temo que teriam dificuldade em resistir à tentação de usar mal seus poderes. Até mesmo meu pai. — Ela parou abruptamente, a bela pele corando.

Na maior parte do tempo, conseguia esquecer que seu verdadeiro pai não era Reio-ta, o marido de sua mãe, mas Riveda, que havia governado os magos da Ordem da Veste Cinza na Terra Antiga; Riveda, que havia se mostrado incapaz de resistir às tentações da magia proibida e fora executado por feitiçaria.

— Até mesmo Riveda fez tanto bem quanto mal — disse Micail suavemente, pegando a mão dela. — A alma dele está sob a guarda dos Senhores do Destino, e ele vai trabalhar sua penitência através de muitas vidas. Mas seus escritos sobre o tratamento de doenças salvaram muitos. Você não deve deixar que a memória dele a assombre, amada. Aqui ele é lembrado como um curandeiro.

Um jovem de olhos escuros chegou com uma travessa de bolos chatos, pequenos peixes fritos crocantes servidos com queijo de cabra e ervas cortadas. Seus olhos se arregalaram um pouco ao absorver os olhos azuis

e o cabelo louro de Tiriki, seu único legado de Riveda, que originalmente não viera da Terra Antiga, mas do pouco conhecido reino de Zaiadan, no norte.

— Devemos tentar não ter medo — disse Micail, quando o criado se foi. — Há muitas profecias além das de Rajasta que falam do Tempo do Fim. Se ele chegou, estaremos correndo um grande risco, mas as previsões nunca sugeriram que estamos totalmente condenados. Na verdade, a visão de Rajasta nos garantiu que você e eu encontraremos um novo Templo em uma nova terra! Estou convencido de que existe um Destino que nos preservará. Devemos apenas encontrar seu fio condutor.

Tiriki acenou com a cabeça e pegou a mão que ele lhe estendeu. *Mas toda essa vida brilhante e bela que nos cerca precisa desaparecer antes que a profecia possa ser cumprida.*

Por enquanto, porém, o dia era belo, e os aromas que subiam do prato ofereciam uma agradável distração de qualquer coisa que o destino pudesse reservar. Disposta a pensar apenas no momento e em Micail, Tiriki buscou um assunto mais neutro.

— Sabia que Elara é uma bela arqueira?

Micail levantou uma sobrancelha.

— Parece um divertimento estranho para uma curandeira. Ela é aprendiz de Liala, não é?

— É, sim, mas você sabe que o trabalho de um curandeiro requer tanto precisão quanto coragem. Elara se tornou uma espécie de líder entre os acólitos.

— Eu teria esperado que a garota alkonense, sua acólita Damisa, assumisse esse papel — respondeu ele. — Ela não é a mais velha? E tem algum parentesco com Tjalan, creio eu. Essa família gosta mesmo de tomar a frente.

Ele sorriu, e Tiriki se lembrou de que havia passado diversos verões com o príncipe de Alkonath.

— Talvez ela seja um pouco consciente *demais* de sua origem real. Em qualquer caso, foi a última delas a chegar aqui, e acredito que esteja achando difícil se encaixar.

— Se essa é a coisa mais difícil com que ela tem que lidar, pode se considerar afortunada! — Micail engoliu o resto do vinho e ficou de pé.

Tiriki suspirou, mas de fato estava na hora de partirem.

Quando o estalajadeiro percebeu que o casal que ocupava a melhor mesa em seu terraço havia tanto tempo eram o príncipe e a senhora dele, tentou recusar o pagamento, mas Micail insistiu em pressionar seu sinete em um pouco de barro.

— Apresente isso no palácio e meus servos lhe darão o que lhe devo.

— Você é muito gentil — Tiriki brincou suavemente, quando por fim tiveram permissão de deixar a taverna. — O homem se sentiu claramente honrado pela visita do príncipe e desejou lhe dar um presente em troca. Por que não permitiu?

— Pense como se fosse uma afirmação — Micail sorriu, de maneira um pouco sinistra. — Aquele pedaço de barro representa minha crença de que alguém estará aqui amanhã. E se, como você diz, ele preferia a honra, bem, não há nada que o obrigue a resgatar a dívida. A memória se desvanece. Mas ele tem meu selo para guardar.

Lentamente, eles voltaram ao palácio, falando de coisas comuns, mas Tiriki não pôde deixar de lembrar como os gritos da vidente haviam ecoado da cripta.

Quando Damisa retornou à Casa das Folhas em Queda, os outros acólitos estavam terminando uma lição. Elara de Ahtarrath foi a primeira a vê-la entrar. Elara, de cabelos escuros e roliça, era nativa daquela ilha e lhe cabia dar as boas-vindas aos recém-chegados dos outros Reinos do Mar quando chegassem.

Em cada ilha, os templos treinavam sacerdotes e sacerdotisas. Mas, entre os jovens mais talentosos de cada geração, doze eram escolhidos para aprender os Mistérios maiores. Alguns voltariam um dia para suas próprias ilhas como clérigos superiores, enquanto outros exploravam especialidades como a cura ou a astrologia. Dos Doze, vinham os adeptos que serviam em toda Atlântida como Guardiões Investidos do Templo da Luz.

A casa era uma estrutura baixa e espaçosa de corredores estranhamente alinhados e suítes superdimensionadas, que diziam ter sido construída há um século ou mais para um dignitário estrangeiro. Os acólitos muitas vezes se divertiam sugerindo outras explicações para as sereias de pedra na fonte desgastada do pátio central. Seja qual for a origem, até bem recentemente a estranha vila antiga tinha servido como dormitório para sacerdotes solteiros, peregrinos e refugiados. Agora era a Casa dos Doze.

Alguns dos acólitos acolhiam a ajuda de Elara, enquanto outros resistiam, mas Damisa, que era prima do príncipe de Alkonath, era geralmente a mais autossuficiente de todos. Naquele momento, pensou Elara, ela parecia péssima.

— Damisa? O que aconteceu com você? Está doente? — Ela se encolheu quando a garota se virou para ela com um olhar cego. — Aconteceu alguma coisa durante a cerimônia?

Elara agarrou firmemente o cotovelo de Damisa e a fez sentar-se junto à fonte. Ela se virou para chamar a atenção de um dos outros.

— Lanath, vá buscar água para ela — Elara pediu em voz baixa, enquanto todos os acólitos os rodeavam.

Elara sentou-se, empurrando para trás os caracóis pretos que continuavam caindo em seus olhos.

— Fiquem quietos, todos vocês! — Ela olhou fixamente até que se moveram para trás. — Deixem-na respirar!

Ela sabia que Damisa havia sido chamada para atender a senhora Tiriki naquela manhã, e a invejara. O papel de Elara como chela da sacerdotisa de Veste Azul Liala no Templo de Ni-Terat era uma tarefa bastante agradável, mas pouco glamorosa. Aos acólitos, fora dito que seus aprendizados eram determinados pelo posicionamento de suas estrelas e pela vontade dos deuses. Fazia sentido que o noivo de Elara, Lanath, fosse designado ao astrólogo do Templo, porque ele tinha uma boa cabeça para números, mas Elara sempre suspeitara de que as ligações com a realeza de Damisa a haviam colocado no cargo com Tiriki, que, afinal de contas, não era apenas uma sacerdotisa, mas princesa de Ahtarrath. Agora, contudo, não invejava Damisa.

— Diga-nos, Damisa — ela murmurou, enquanto a outra moça bebia. — Alguém se feriu? Alguma coisa deu errado?

— Errado! — Damisa fechou os olhos por um momento, então se endireitou e olhou em torno do círculo. — Não ouviram os rumores que estão correndo pela cidade?

— Claro que ouvimos. Mas onde você estava? — perguntou a pequena Iriel.

— Em um ritual do equinócio, servindo minha senhora — respondeu Damisa.

— Esses rituais normalmente acontecem no Grande Templo de Manoah — observou Elis, que era também nativa da cidade. — Não levaria todo esse tempo para voltar de lá!

— Nós não estávamos no Templo da Luz — disse Damisa, de modo tenso. — Fomos para outro lugar, um santuário construído dentro dos penhascos no limite leste da cidade. O pórtico parece um tanto comum, mas o Templo verdadeiro fica no fundo da terra. Ou ao menos acho que fica. Recebi ordens de ficar no nicho no começo da passagem.

— Os ossos de Banur! — exclamou Elara. — É o Templo de... eu não sei o que é; ninguém nunca vai até lá!

— Eu também não sei o que é — respondeu Damisa, com uma volta da arrogância costumeira —, mas há algum Poder lá embaixo. Consegui ver alguns clarões de luz que iam até a passagem.

— É o Afundamento... — disse Kalaran, com uma voz fraca. — Minha própria ilha desapareceu e agora esta vai também. Meus pais migraram para Alkonath, mas fui escolhido para o Templo. Acharam que era uma honra para mim vir para cá.

Os acólitos olharam uns para os outros, abalados.

— Não *sabemos* se o ritual fracassou — disse Elara, de modo revigorante. — Precisamos esperar... vão nos avisar...

— Eles precisaram carregar a vidente para fora da câmara — interrompeu Damisa. — Ela parecia meio morta. Eles a levaram para Liala e as curandeiras da Casa de Ni-Terat.

— Eu deveria ir para lá — disse Elara. — Liala pode precisar de minha ajuda.

— Por que se preocupar? — Lanath olhou feio. — Vamos todos morrer.

— Fique quieto! — Elara o cercou, perguntando-se o que tinha dado nos astrólogos para prometer-lá a um garoto que fugiria de sua própria sombra se ela lustrasse para ele. — Todos vocês, acalmem-se. Nós somos os Doze Escolhidos, não um bando de camponeses do interior. Acham que nossos anciãos não previram esse desastre e fizeram algum tipo de plano? Nosso dever é ajudá-los como pudermos.

Ela empurrou o cabelo escuro para trás novamente, esperando que o que dissera fosse verdade.

— E se eles não fizeram isso? — perguntou o prometido de Damisa, um menino um tanto pesado, de cabelos castanhos, chamado Kalhan.

— Então vamos morrer. — Damisa se recuperou o suficiente para fazer cara feia para ele.

— Bem, se morrermos — disse a pequena Iriel, com seu sorriso irrepreensível —, terei algumas palavras fortes para dizer aos deuses!

Quando Micaíl e Tiriki retornaram ao palácio, encontraram uma sacerdotisa de vestes azuis esperando no portão, trazendo notícias de Mesira. Alyssa havia despertado e se esperava que tivesse uma boa recuperação.

Se ao menos, pensou Tiriki sombriamente, pudéssemos ir tão bem em curar a profecia dela...

No entanto, ela manteve um sorriso nos lábios enquanto acompanhava Micaíl no andar de cima, na suíte de vários quartos que dividiam no andar superior. O véu diante da alcova que tinha o santuário para a deusa e os penduricalhos que cortinavam as portas para a varanda se agitavam no vento noturno do mar. As paredes caiadas de branco tinham

um afresco com um friso de falcões dourados acima de uma cama de lírios carmesim. Na luz cintilante das lamparinas suspensas, os pássaros subiam, e as flores pareciam se curvar em uma brisa invisível.

Depois de vestir uma túnica limpa, Micail saiu para conferenciar com Reio-ta. Deixada sozinha, Tiriki ordenou aos criados que preparassem seu banho com água fresca e perfumada. Enquanto se banhava, eles esperavam para secá-la. Quando se foram, ela saiu para a varanda e olhou para a cidade abaixo. Para o leste, a Montanha Estrela se aproximava do céu fresco e noturno. Bosques de ciprestes cobriam as encostas mais baixas, mas o cone subia acentuadamente acima. A chama perpétua no Templo em seu cume parecia um brilho tênue e piramidal. Pontos dispersos de luz marcavam as fazendas remotas nas encostas mais baixas, diminuindo um a um enquanto os habitantes procuravam sua cama. Na cidade, as pessoas ficavam acordadas até mais tarde. Tochas oscilantes se movimentavam pelas ruas no bairro do entretenimento.

À medida que o ar esfriava, a terra soltava aromas de grama secando e terra recentemente revirada como um perfume rico. Ela contemplou a paz da noite e, em seu coração, as palavras do hino da noite se tornaram uma oração:

Ó Fonte de Estrelas em esplendor

Que se mostra contra a escuridão,

Conceda-nos sono de repouso

Esta noite, conhecendo Tuas bênçãos

Como tanta paz, tanta beleza, poderiam ser destruídas?

Sua cama era cercada com gaze drapeada e coberta com linho tão fino que parecia seda contra a pele. Nenhum conforto que Ahtarrath pudesse lhe proporcionar fora negado, mas, apesar de sua oração, Tiriki não conseguia dormir. Quando Micail veio para a cama, já era meia-noite. Podia senti-lo olhando para ela e tentou fazer com que sua respiração fosse lenta e uniforme. Só porque estava acordada, não era motivo para que ele também fosse privado do sono. Mas a ligação entre eles ia além dos sentidos da carne.

— Qual o problema, amada? — a voz dele era suave na escuridão.

Ela soltou o fôlego em um longo suspiro.

— Estou com medo.

— Mas sabemos desde o nascimento que Ahtarrath poderia estar condenada.

— Sim, em algum momento do futuro distante. Mas o aviso de Alyssa faz com que isso seja *imediatamente*!

— Talvez... talvez... — A cama rangeu quando ele se sentou e se esticou para acariciar o cabelo dela. — Ainda assim, você sabe como é difícil saber o tempo de uma profecia.

Tiriki sentou-se, de frente para ele.

— Você realmente acredita nisso?

— Amada... nenhum de nós sabe o que nosso conhecimento pode mudar. Só o que podemos fazer é usar os poderes que temos para enfrentar o futuro quando ele chegar.

Ele suspirou, e Tiriki achou que tinha ouvido um eco de trovão, embora a noite não tivesse nuvens.

— Ah, sim, seus poderes — ela sussurrou com amargura, pois que utilidade eles tinham agora? — Você pode invocar o vento e o relâmpago, mas e a terra abaixo? E como *aquilo* será passado se tudo o mais fracassar? Reio-ta tem apenas uma filha, e eu... eu não posso lhe dar um filho!

Sentindo as lágrimas dela, ele a apertou mais perto de si.

— Você ainda não me deu, mas somos jovens!

Tiriki deixou a cabeça descansar contra os ombros dele e relaxou na força daqueles braços, absorvendo o cheiro picante suave do corpo dele misturado com os óleos do próprio banho.

— Coloquei dois bebês sobre a pira funerária — ela sussurrou — e perdi mais três antes que pudessem nascer. As sacerdotisas de Caratra não podem mais me ajudar, Micail. — Ela sentiu lágrimas quentes nos olhos enquanto os braços dele se apertavam ao redor dela. — Nossas mães eram irmãs; talvez sejamos parentes muito próximos. Você precisa tomar outra esposa, meu amado, uma que possa lhe dar um filho.

Ela o sentiu balançar a cabeça na escuridão.

— A lei de Ahtarrath permite — ela sussurrou.

— E a lei do amor? — ele perguntou.

Ele apertou os ombros dela, olhando-a de cima. Ela sentiu, mais do que viu, a intensidade do olhar dele.

— Para gerar um filho digno de carregar meus poderes, preciso dar não somente minha semente, mas também minha alma. Verdadeiramente, amada, não creio que seria nem... capaz... com uma mulher que não fosse meu par tanto em espírito quanto em corpo. Somos destinados um ao outro, Tiriki, e nunca poderá haver ninguém para mim a não ser você.

Ela se esticou para traçar as linhas fortes das bochechas e da fronte dele.

— Mas sua linhagem vai terminar!

Ele inclinou a cabeça para beijá-la e limpar suas lágrimas.

— Se Ahtarrath em si precisa deixar de existir, importa tanto que a magia de seus príncipes também se perca? É a sabedoria da Atlântida que devemos preservar, não seus poderes.

— Osinarmen... sabe o quanto eu te amo?

Ela se recostou com um suspiro enquanto as mãos dele começavam a se mover ao longo de seu corpo, cada toque despertando uma sensação à

qual seu corpo havia aprendido a reagir à medida que os exercícios espirituais do Templo haviam treinado sua alma.

— Eilantha... Eilantha! — ele respondeu e fechou os braços em torno dela.

Naquela convocação, espírito e corpo se abriram juntos, tomados e transfigurados na união final.

dois

Damisa espreitou pela folhagem do jardim da casa dos Doze, perguntando-se se, dali, seria capaz de ver algum dos danos causados pelo terremoto. Desde o ritual no Templo subterrâneo, a terra estava quieta, e o príncipe Micail havia ordenado a seus guardas que ajudassem na reconstrução. A capital de Ahtarrath havia crescido a partir dos restos de um assentamento mais antigo. As Três Torres, embainhadas em ouro, se estendiam em direção ao céu fazia mil anos. Quase tão veneráveis quanto elas eram os Sete Arcos, em cujas laterais desgastadas os estudantes se esforçavam para traçar hieróglifos havia muito tempo gastos.

O clero de Ahtarra tinha feito o possível para preparar as antigas salas da Casa das Folhas Caídas para os doze acólitos, mas eram os jardins que tornavam o local ideal, pois separavam bem a casa da cidade e do templo. Damisa deu um passo para trás, deixando os galhos da sebe de louros balançarem. Dali, não dava para ver nenhum outro edifício.

Ela se virou para observar o grupo no gramado a uma pequena distância. A consanguinidade sacerdotal podia produzir tanto fraqueza quanto talento. Frequentemente, perguntava-se se ela própria havia sido escolhida como acólita por influência de sua avó da realeza, e não por seu próprio mérito, mas metade das outras teria saído correndo gritando se tivesse visto aquelas luzes cintilando pela passagem do Templo subterrâneo. Ocorreu-lhe agora que os guardiães talvez tivessem visto algum benefício em adicionar o sangue robusto de Alkonath à linhagem sacerdotal.

Mas por que tinham decidido que o detestável Kalhan, com suas feições grosseiras e seu senso de humor igualmente grosseiro, era um companheiro adequado para ela? Certamente ele teria sido um par melhor para Cleta, que não tinha nenhum senso de humor. Como princesa menor, Damisa esperava um casamento arranjado, mas ao menos o marido

deveria ser um homem de poder. Tiriki dissera que Kalhan provavelmente melhoraria com a idade, mas Damisa não via sinais disso agora.

Lá estava ele, saltando sobre o gramado, liderando um grupo de outros acólitos em uma torcida barulhenta, enquanto Aldel, que ela achava ser o mais simpático dos meninos, e Lanath, que era melhor com a cabeça do que com as mãos, lutavam ferozmente. Até mesmo Elara, geralmente a mais sensata das acólitas, os observava com um sorriso divertido. Selast, por outro lado, parecia querer se juntar à batalha. Ela provavelmente poderia vencer, pensou Damisa ao observar a figura rija da garota mais jovem. Damisa deu as costas. Não sabia se a luta era por diversão ou por fúria e, no momento, não se importava.

Todos parecem ter se esquecido de se preocupar com o fim do mundo, pensou ela, de mau humor. *Como eu gostaria de estar em casa! É uma honra ser escolhida e tudo o mais – só que sempre faz tanto calor aqui e a comida é estranha. Mas seria mais seguro lá? Será que podemos ao menos fugir? Ou espera-se que fiquemos aqui nobremente e deixemos o mundo cair aos pedaços ao nosso redor?*

Lutando contra os soluços, Damisa deixou que seus pés errantes a levassem pela encosta do gramado. Em momentos, emergiu na extremidade dos muitos terraços do jardim – um longo e largo muro de contenção com uma vista arrebatadora para a cidade e para o mar.

Havia apenas dois dias, Damisa descobrira o local, que tinha certeza de que não podia ser visto nem mesmo do telhado da Casa dos Doze. Com alguma sorte, os outros ainda não sabiam disso.

Como sempre, o vento do mar dissipou seu mau humor. Cada rajada salgada parecia uma carta de amor secreta de sua casa distante. Minutos se passaram antes que ela notasse quantos barcos estavam na água hoje – não, não barcos, ela percebeu, mas navios, e não navios quaisquer, mas uma frota de aves aladas de três mastros, o orgulho e o poder de Atlântida. No alto da água, suas proas excelentes cobertas de bronze endurecido podiam ser remadas em alta velocidade ou navegar ao vento com as velas. Em formação precisa, deram a volta no promontório.

Aninhado quase diretamente abaixo de onde ela olhava, havia um pequeno porto. Raramente era usado e normalmente era silencioso o suficiente para que alguém entrasse em transe ao olhar para suas águas azuis-claras. Mas agora, uma a uma, as aves aladas altas lançavam suas âncoras enquanto as bandeiras coloridas brilhantes flutuavam e se instalavam para descansar na calma da baía. O maior dos navios já estava atracado no cais, com as velas roxas enroladas.

Damisa esfregou os olhos novamente. *Como pode ser?*, ela se perguntou, mas não havia nenhuma falha em sua visão. De cada mastro

principal orgulhoso, voava o Círculo de Falcões, a bandeira soberana de sua pátria. Uma onda de saudade trouxe lágrimas aos seus olhos.

— Alkonath — ela falou, arfando; e, sem pensar duas vezes, levantou as vestes e começou a correr, o longo cabelo castanho-avermelhado esvoaçando atrás dela ao passar pelo combate de luta livre em andamento, e correu para fora do jardim até a escadaria que levava ao porto.

A maior das aves aladas havia ancorado nas docas principais, mas ainda não havia baixado a prancha. Comerciantes e pessoas da cidade já tinham se reunido no cais, conversando animadamente enquanto esperavam para ver o que aconteceria em seguida. Mesmo com seus criados, porém, estavam quase em menor número do que os homens e mulheres vestidos de branco da casta dos sacerdotes.

Tiriki estava bem na frente, envolta em finas camadas de tecido incolor, os enfeites de cabeça com flores de ouro pendendo sobre os cabelos. Seus dois companheiros estavam cobertos por mantos de púrpura real de Ahtarrath. Ao sol, os rubis em seus diademas queimavam como fogo. Damisa levou um momento para reconhecer que eram Reio-ta e Micail.

Os navios eram esperados, então, a acólita deduziu, sabendo bem quanto tempo levava para colocar as vestes cerimoniais. A frota deve ter sido avistada da montanha, e um corredor foi enviado para avisá-los de que os visitantes estavam chegando. Ela empurrou a multidão até chegar ao lado de sua mentora.

Tiriki inclinou a cabeça levemente em saudação.

— Damisa, que senso de oportunidade!

No entanto, antes que Damisa pudesse se perguntar se Tiriki estava se divertindo com ela, um alarido coletivo anunciou que os visitantes começavam a desembarcar.

Os primeiros a emergir foram os soldados de mantos verde, armados com lanças e espadas. Eles escoltavam dois homens com capas de lã simples de viajante, acompanhados por um sacerdote cujo manto era cortado num estilo desconhecido. Reio-ta deu um passo à frente, levantando o bastão cerimonial para traçar o círculo de bênção. Tiriki e Micail tinham se aproximado mais. Damisa teve que entortar o pescoço para ver.

— Em nome de Manoah, Criador de Tudo, cujo brilho enche nosso coração quando Ele ilumina o céu — disse Reio-ta —, eu lhes dou boas-vindas.

— Agradecemos a Nar-Inabi, o Modelador de Estrelas, que os trouxe em segurança através do mar — acrescentou Micail.